



Embora esteja convicto do sistema tático com quatro atacantes, Carlo Ancelotti experimenta escalação mais sólida, com três meio-campistas e Igor Thiago como centroavante nato para duelo contra Egito

Mister ouve o vestiário

MARCOS PAULO LIMA
Enviado especial

New Jersey — Sabe aquela canção *Samba de uma nota só* do Tom Jobim? É uma lindíssima bossa, mas não pode servir de trilha sonora para a Seleção. A Copa costuma punir o apego a uma fórmula. Por mais que Carlo Ancelotti esteja convicto do sistema tático com quatro atacantes, interpretado por uns como 4-2-4 e por outros como 4-4-2, o campo começa a pedir, no mínimo, alternativas táticas a nove dias da estreia contra Marrocos, no próximo dia 13, às 19h, no MetLife Stadium.

O treino de ontem foi uma prova da inquietação do italiano depois da fraca exibição no primeiro tempo na goleada por 6 x 2 no Maracanã contra o Panamá. O esquema predileto de Carlo Ancelotti exige recomposição do ponta Luiz Henrique e do falso 10 Matheus Cunha. Em contrapartida, Vinicius Junior e Raphinha não entregam 100% de dedicação. Consequentemente, abre-se brecha para mudanças, como se viu no treino aberto no Columbia Park, o Centro de Treinamento do Red Bull New York.

Carlo Ancelotti experimentou um sistema mais sólido com três homens no meio de campo. Lucas Paquetá treinou no lugar de Luiz Henrique. Nove raiz, Igor Thiago substituiu Matheus Cunha. Douglas Santos assumiu a lateral esquerda em substituição a Alex Sandro. Na zaga, Marquinhos e Gabriel Magalhães reassumiram a posição de titulares intocáveis. A formação pode ser essa no amistoso de amanhã, contra o Egito, às 18h, em Cleveland, o último antes da estreia na Copa.

A impressão que se tem é de que o vestiário está influenciando Ancelotti. Jogadores marcados por eliminações, como Alisson, Marquinhos, Danilo, Alex Sandro e Casemiro, têm abertura para “aconselhar” o treinador a montar escalações alternativas. A falta de variação tem sido uma das vilãs das eliminações em série nas quartas de final da Copa.

Em 2006, Carlos Alberto Parreira era refém do quadrado mágico. Não desapegava de Kaká, Ronaldinho Gaúcho, Adriano e Ronaldo.

Rafael Ribeiro/CBF



A experiência de Carlo Ancelotti como auxiliar da seleção italiana na Copa do Mundo de 1994 o leva a considerar diferentes cenários



Como Ancelotti deve levar o Brasil a campo no amistoso contra Egito

Havia clamor pela entrada de Juninho Pernambucano no meio de campo em troca de estabilidade tática. Parreira só mudou o time no quinto jogo. Sacou o Imperador, iniciou com Juninho Pernambucano e foi eliminado. Aquela

formação não tinha entrosamento suficiente para enfrentar a França. Quatro anos depois, Dunga pagou caro pela avareza. Não renunciava a Elano, Kaká, Luis Fabiano e Robinho. Pior: convocou um banco de reservas frágil. Bastou

Elano sofrer uma lesão e Ramires cumprir suspensão nas quartas de final para o capitão do tetra se embaralhar contra a Holanda. Daniel Alves entrou improvisado no meio de campo, porém não entregou como Elano e Ramires. Bugado, o Brasil levou a virada da Laranja Mecânica.

Tite ostentava um time que deu certo desde o primeiro dia de trabalho e o repetiu à exaustão. Quando a Copa chegou, Daniel Alves se machucou e ficou fora da convocação. Renato Augusto desembarcou na Rússia lesionado e mexeu no tabuleiro tático. Quem entrou não correspondeu, e Tite demonstrou total dependência de Daniel Alves e Renato Augusto.

Quatro anos mais tarde, havia um apego imenso por quatro homens no ataque. Tite curti o quarteto formado por Raphinha, Neymar, Vinicius Junior e Richarlison. O técnico não deu ouvidos ao

campo contra a Croácia. Em vez de fortalecer o meio de campo para competir com o setor liderado por Modric do outro lado, manteve a convicção nos caras da frente. Ofensivo até quando vencia o jogo difícil por 1 x 0 na prorrogação, tomou contra-ataque.

O passado ensina a mudar. Romário e Bebeto levaram o Brasil ao título da Copa América em 1989. Um ano depois, o ataque na Copa era Müller e Careca. Parreira tinha Raí como camisa 10 intocável na criação. O meia perdeu a posição para Mazinho e ficou no banco. Juninho Paulista iniciou o Mundial de 2002 como titular, e Kleberson ganhou a posição. Há outros tantos exemplos lá atrás de que fechar o grupo — e o time — nem sempre é o melhor caminho. As vozes da experiência no vestiário estão pelo menos alertando Carlo Ancelotti.

Calcio vira trunfo de Wesley

New Jersey — Dos 26 jogadores convocados pela Seleção, oito têm no currículo passagem pelo futebol italiano. Todos do sistema defensivo: um deles é o lateral-direito Wesley, da Roma. Marquinhos, Bremer, Danilo, Alex Sandro, Danilo Santos, Ibañez e o goleiro Alisson. O jogador de 22 anos respondeu ao **Correio**, na entrevista coletiva de ontem, na concentração do Brasil em Basking Ridge, se o conhecimento tático acumulado no Calcio pode ser um facilitador na relação com Carlo Ancelotti para a montagem de um sistema defensivo sólido na Copa do Mundo de 2026.

“Acho que, de experiência, tem que falar com os caras mais

velhos (risos). Estou aprendendo agora, pergunto muito para o Danilo, Alex Sandro, que são marcadores. Acho que tem uma vantagem porque, na Itália, tem muita marcação. Isso pode ajudar na Seleção também, ter nessa linha defensiva alguns jogadores que passaram por lá ou estão lá. É importante ter esses jogadores de marcação”, valorizou o jogador de 22 anos da Roma, terceira colocada do Campeonato Italiano 2025/2026.

Wesley iniciou a pré-temperada para a Copa do Mundo como titular contra o Panamá e deve iniciar novamente no amistoso contra o Egito. “Confesso que é muita pressão, sei da responsabilidade que é estar aqui.

Como passei por tanta coisa, é tentar fazer o que já fiz. Quando estiver em uma fase ruim, tentar dar a volta por cima. É minha primeira experiência em uma Copa, então quero que só aconteçam coisas boas”, afirmou.

Autor de cinco gols e de uma assistência na temporada da Roma, Wesley ajudou o time italiano a se classificar para a próxima edição da Champions League, mas admite que ainda está em fase de aprendizado, e Ancelotti tem feito correções.

A Confederação Brasileira de Futebol (CBF) confirmou que Neymar não viajará com os 25 companheiros para o amistoso contra o Egito em Cleveland. O camisa 10 permanecerá em New

Mauro Pimentel/AFP



Wesley é o lateral-direito mais ofensivo à disposição de Ancelotti

Jersey para dar sequência ao trabalho de fisioterapia e intensificar a programação de recuperação física. A expectativa é que o craque

perca a estreia contra Marrocos, no dia 13, mas esteja disponível para o segundo ou terceiro jogo, contra Haiti e Escócia. (MPL)

Giro da Copa

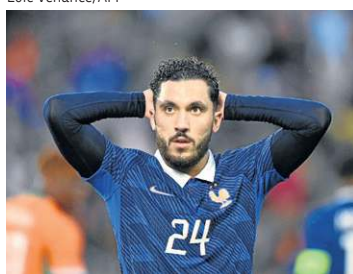
Reprodução/X @Palmeiras



O adeus a Leivinha

Morreu, ontem, aos 76 anos, Leivinha, ídolo do Palmeiras, clube pelo qual conquistou seis títulos e colocou 108 bolas na rede em 267 jogos. O meia também disputou a Copa de 1974 e anotou o milésimo gol da Seleção.

Loic Venance/AFP



França perde em casa

Favorita ao título da Copa do Mundo, a França sofreu uma virada por 2 x 1 para a Costa do Marfim, em Nantes. Na segunda-feira, os franceses fazem o último amistoso, contra a Irlanda do Norte.

Ander Gillenea/AFP



Espanha não bate Iraque

Sem Lamine Yamal, a Espanha ficou no 1 x 1, contra Iraque, ontem. A seleção treinada por Luis De La Fuente faz, na segunda, o último jogo antes da estreia na Copa, contra o Peru.

Jonathan Nackstrand/AFP



Grécia frustra Suécia

Rival de Holanda, Japão e Tunísia no Grupo F, a Suécia vencia a Grécia, fora da Copa, até os 50 minutos do segundo tempo, quando levou o 2 x 2 no último jogo antes da estreia, no dia 14, contra os tunisianos.

Chandan Khanna/AFP



Brasil de olho no Haiti

Depois de golear a Nova Zelândia por 4 x 0, o Haiti, segundo adversário do Brasil na Copa, fecha a bateria de amistosos contra o Peru, hoje, às 21h. O SporTV transmite.

A aura de sucesso em torno do QG da Seleção

New Jersey — Em alta novamente no cinema no papel de Miranda Priestly em *O Diabo Veste Prada 2*, a atriz Meryl Streep é uma das referências do bairro escolhido pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) para ser o Quartel-General da Seleção na Copa do Mundo.

Vencedora do Oscar de Melhor Atriz Coadjuvante em 1980 por *Kramer vs. Kramer* e de Melhor Atriz em 1983 por *A Escolha de Sofia* e em 2012 por *A Dama de Ferro*, a estrela hollywoodiana de 76 anos cresceu em Basking Ridge, onde fica o The Ridge. A delegação verde-amarela está hospedada no hotel privativo com 171 apartamentos bloqueados desde a última terça-feira.

Na infância, Meryl Streep frequentou duas escolas localizadas em Basking Ridge: a Cedar Elementary e a Oak Street Junior High. Em abril de 1962, aos 13 anos, estreou nas artes cênicas na peça escolar *The Family Upstairs*. No ano seguinte, a família da diva se mudou para Bernardsville. Meryl concluiu os estudos na Bernardsville High School em 1967.

Há mais raízes familiares de Meryl Streep no bairro em que treina a Seleção. Os pais da estrela, a artista Mary Wilkinson Streep e o farmacêutico Harry William Streep Jr., foram sepultados no Somerset Hills Memorial Park, em Basking Ridge.

Uma tradicional seção de memórias em Basking Ridge costuma resgatar histórias do bairro às quintas-feiras. Em uma dessas publicações, dois depoimentos resgatam as origens de Meryl Streep.

Eileen Walt Mundorff compartilha: “Na sétima série, na Oak Street Jr. High, tivemos um dia uma professora substituta na aula de História Americana. Meryl se inclinou para mim e disse: ‘Vamos falar com sotaques engraçados, dizer que não somos daqui e que não sabemos nada de *História Americana*’. Meryl usou um sotaque francês, e eu tentei imitar um sotaque alemão ou eslavo. A Sra. Helmke nos mandou para a sala da diretora. Ficamos detidas por alguns dias e tivemos que copiar páginas do dicionário à mão. Meu momento de glória: ‘Já atuei no palco com Meryl Streep’”, orgulha-se a moradora.

Lawrence Peach também tem um baú de memórias com Meryl Streep. “Minha mãe costumava jogar bridge com a mãe da Meryl e conta a história de que, certa vez, quando chegou à casa que ficava em Basking Ridge, Meryl estava em cima de uma árvore. A família não conseguia fazê-la descer! Ela era um pouco moleca”, diverte-se o colega da estrela.

Outro morador recorda a origem religiosa protestante da família da atriz. “Ela também frequentou um grupo de estudos bíblicos na Igreja Presbiteriana de Basking Ridge”, compartilha Jim Felter. “Uma das apresentações mais lembradas da atriz no bairro foi a interpretação da canção *O Holy Night* na escola Oak Street Jr. High, em Basking Ridge.”

Meryl Streep comentou a apresentação, para muitos histórica no bairro, como aprendizado para o êxito na carreira. “Eu estava cantando algo que não sentia e não entendia. Essa foi uma lição importante: não fazer isso. Encontrar aquilo que eu pudesse sentir”, refletiu.

Agora, é nesse mesmo cenário que Carlo Ancelotti, Neymar, Vinicius Junior e companhia iniciam a caminhada em busca do hexacampeonato. Guardadas as devidas proporções, o bairro que ajudou a formar uma estrela de Hollywood pode servir de inspiração para um grupo que sonha em escrever mais um capítulo histórico do futebol brasileiro. (MPL)